

BIBLIOTECÁRIOS, JORNALISTAS E INFORMÁTICOS: A OCUPAÇÃO DE POSIÇÕES RELATIVAS NO CAMPO DE ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO

Patricia Zeni MARCHIORI

RESUMO

Extrato de dissertação, discutindo alguns dos conceitos da Teoria Etnometodológica de Pierre BOURDIEU, no que diz respeito à constituição e às características dinâmicas de um possível Campo de Atividades de Informação, ao qual concorreriam os profissionais da informação em busca de posições relativas. Estas são fruto de "lutas" constantes pelo quantum de poder que este Campo apresenta, tanto para indivíduos como para a própria profissão como um todo. Apresenta resultado parcial da descrição e análise sociológica de três profissões de informação: Biblioteconomia, Jornalismo e Informática

Palavras-chave: Profissionais da informação; Campo de Atividades de Informação; Teoria Etnometodológica - Conceitos; Pierre Bourdieu.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto área de investigação, a Ciência da Informação tem se preocupado, de maneira ampla, com a identificação e análise dos fenômenos da informação e da comunicação. Para tal, surgem e são aperfeiçoados modelos metodológicos os mais variados, que

lançam luzes sobre os problemas da área, bem como favorecem e instigam novas pesquisas e investigações.

A multifacetada gama de possibilidades de análise de tais fenômenos, demonstra a transdisciplinaridade da Ciência da Informação, indicando, por um lado, a dinâmica de uma área que busca sua identidade científica e, por outro, a flexibilidade na abordagem de diferentes temas relacionados ao binômio informação/comunicação.

Dentre as inúmeras abordagens de pesquisa na área, atenção especial tem sido dada à análise dos fluxos de informação nos processos (formais ou informais) de comunicação, de diferentes tipos de comunidades, em sistemas institucionalizados ou não. Como agentes integrados a tais sistemas e elos de ligação nos processos de tratamento, disseminação e transferência de informações, os chamados profissionais de informação podem ser reconhecidos hoje, como uma categoria diferenciada de profissionais. Esta categoria é formada e aceita socialmente, pelo conjunto de habilitações legitimadas pela ação pedagógica da universidade. Destacam-se entre estes, tanto as profissões consideradas mais tradicionais (no sentido de tempo de existência) como a Biblioteconomia, Arquivística, Jornalismo e a própria Ciência da Informação, além das recém criadas profissões na área de processamento de dados.

A existência de competências distintas, para cada uma destas áreas de atuação, tem provocado um redimensionamento na configuração do mercado de trabalho para estes profissionais. Uma das características do que poderia ser empiricamente chamado de Setor de Atividades de Informação, ou, como será utilizado neste trabalho, um Campo de Atividades de Informação (CAI), é que este se configura como um espaço para o qual se dirigem tais profissionais, havendo uma certa concorrência pelas posições que reais ou potencialmente dispostas neste Campo.

As condições de manutenção, expansão ou perda de tais posições relativas, tanto por indivíduos ou como grupos (enquanto categoria profissional), têm sido discutidas por vários pesquisadores das áreas citadas acima. Estes observam que a soma de fatores internos, tais como as características de personalidade, aliados a fatores externos, como o meio ambiente familiar e profissional e demais condições de contexto, são os responsáveis por esta dinâmica.

Dos fatores de contexto, a formação acadêmica, e mais especificamente os conteúdos subjetivos desenvolvidos nos currículos dos diferentes cursos, tem sido apontada insistentemente como o calcanhar de aquiles na estruturação competitiva destes profissionais no mercado de trabalho.

Analisando-se estas questões, dois pressupostos podem ser considerados:

1) o perfil acadêmico, traduzido pelos "domínios" e "saberes" dispostos na seqüência lógica dos conteúdos curriculares, funciona como um fator coadjuvante, porém não determinante do sucesso ou fracasso do profissional no mercado de trabalho. Neste sentido, concorreriam outros fatores, tais como a trajetória de vida do profissional (antes mesmo de sua formação acadêmica), suas aptidões culturais, profissionais, políticas e sociais;

2) a diferenciação curricular por tipo de habilitação (ou curso específico), aliada a um diagnóstico das características da atual posição relativa dos profissionais, caso consideradas em um conjunto único, delinea um dos aspectos da própria constituição de um Campo de Atividades de Informação em um contexto espaço-temporal determinado.

Na impossibilidade de se descrever a totalidade do estudo original, este artigo resume: 1) o quadro conceitual construído para a análise e considerações sobre estes pressupostos, com base nos conceitos da chamada Teoria Etnometodológica desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre BOURDIEU e 2) os resultados parciais da pesquisa, compreendendo o estudo de caso com os egressos dos Cursos de Biblioteconomia, Jornalismo e Informática, graduados pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), descrevendo e analisando suas posições relativas na atuação no mercado de serviços de informação no Município de Curitiba¹.

(1) O outro resultado parcial diz respeito às análises sincrônicas e diacrônicas feitas com os currículos plenos dos Cursos de Biblioteconomia, Jornalismo e Informática da UFPR. Para estes, verificou-se que, embora a formação profissional esteja fragmentada em currículos distintos, o conjunto destes representa os aspectos constituintes e multidisciplinares do CAI, reforçando, assim, as condições de sua existência.

OS CONCEITOS DE BOURDIEU E A POSSÍVEL EXISTÊNCIA DE UM CAMPO DE ATIVIDADES DE INFORMAÇÃO

Diferentes fatores, além da formação acadêmica legitimada pelas universidades, podem afetar a posição relativa dos profissionais em suas ações no campo de atividades de informação. Existem outras forças coadjuvantes neste processo, que podem ser identificadas como as condições de luta que o indivíduo desenvolve para disputar os diferentes tipos de poder em jogo nas relações sociais e profissionais. Tais condições se desenvolvem e se articulam durante suas trajetórias de vida, englobando experiências antes, durante e depois do processo formal de profissionalização. O sociólogo francês, Pierre BOURDIEU, tem desenvolvido extensa teoria sobre estas condições de luta, nas suas diferentes incursões pelas pesquisas etnometodológicas e antropológicas.

A partir do resgate da figura do agente social, em oposição às concepções estruturalistas que pretendem aboli-lo, BOURDIEU tece uma rede de conceitos que permite a leitura da "luta de classes através do estilo de vida e da escolha estética dos indivíduos" (ORTIZ, 1983: 64). Para ele, o fato das condutas poderem ser orientadas em relação a determinados fins, sem serem conscientemente dirigidas a esses e por esses fins, leva à noção de 'habitus', em que a prática social pode ser considerada como um produto de um senso prático ou de um "social incorporado", e não de uma mera obediência à regras.

A teoria do 'habitus' pretende fundar uma "ciência das práticas", que possa escapar à alternativa do finalismo ou do mecanicismo (BOURDIEU, 1983: 93), com o objetivo de se distinguir da filosofia da consciência "sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções de objeto" (BOURDIEU, 1989: 62). Considerado como "gramática geradora de condutas", ou como "...social incorporado, logo individuado...", o 'habitus', como um conhecimento adquirido, passa a ser um terreno comum em meio do qual se desenvolvem os empreendimentos de mobilização coletiva, cujo êxito depende forçosamente de um certo grau de coincidência e acordo entre as disposições dos agentes mobilizados e as disposições dos grupos ou classes cujas aspirações, reivindicações e interesses,

os primeiros empalmam e expressam através de uma conduta exemplar ajustada às exigências do 'habitus' e através de um discurso novo que reelabora o código comum que cimenta tal aliança (BOURDIEU, 1987: xii).

O 'habitus', então, pode ser compreendido como um fundamento objetivo de condutas regulares, que faz com que os agentes se comportem de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias, de acordo com variáveis de lugar e de momento. Deduz-se daí que: a prática, geradora destas disposições adquiridas e socialmente constituídas, é inerente ao agente social ativo que tem uma apreensão ativa do mundo, constrói sua visão do mundo, mas que esta é operada por coações estruturais (BOURDIEU, 1990: 157).

O 'habitus', transmitido pela educação familiar e regras de classe, pode ser chamado de 'habitus' primário. A educação escolar, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa constituem-se no 'habitus' secundário. Para BOURDIEU, o 'habitus' pode ser inculcado de maneira implícita, quando ocorre de maneira inconsciente na educação familiar e de classe, ou de modo explícito quando é "metodicamente organizado enquanto tal por princípios formais e mesmo formalizados" (1982: 57).

Como ação pedagógica, pode-se considerar uma ação não necessariamente escolar (no sentido institucional), que "reproduz a cultura dominante, contribuindo deste modo para reproduzir a estrutura das relações de força numa formação social..." (BOURDIEU, 1982: 21). Tal estratégia pressupõe uma cultura dominante a ser inculcada, que pode ser determinada como um arbitrário cultural que "é aquela que exprime o mais completamente, ainda que sempre de maneira mediata, os interesses objetivos (materiais e simbólicos) dos grupos ou classes dominantes" (BOURDIEU, 1982: 23,24).

Para o agente, esta construção do 'habitus' representa a possibilidade de convivência dentro de um espaço social, na medida em que se elegem categorias de percepção deste, que são essencialmente produtos (...) da incorporação das estruturas objetivas do espaço social (...) que levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele (...) implica uma aceitação tácita da posição, um

sentido das distâncias a marcar e a sustentar, a respeitar e a fazer respeitar -, e isto, sem dúvida de modo tanto mais firme quanto mais rigorosas são as condições de existência de quanto mais rigorosa é a imposição do princípio da realidade (BOURDIEU, 1989: 141).

Para BOURDIEU o indivíduo é, então e em primeira instância, um agente social que transita nos campos ou regiões em que se subdivide um espaço geograficamente determinado, ou seja, o espaço social. Tais campos se recortam em partes, pela afinidade ou pela diferenciação de interesses desses agentes, que partilham o mesmo sentido de jogo de modo a viabilizar uma "luta" pelo poder simbólico em disputa no campo.

A existência de um campo implica no reconhecimento do processo de sua relativa autonomia. Este processo se desdobra em dois momentos: o primeiro, internalizado, em que se reúnem e se fragmentam competências para a ação profissional, em conjunto com o desenvolvimento de uma produção intelectual que confira aos agentes certo reconhecimento do conteúdo subjetivo específico, passível de constituir-se em capital simbólico. O segundo momento, externalizado, reflete-se na interação com outros campos de forma materializada, isto é, pelo posicionamento e ação dos agentes legitimados, o surgimento e o acatamento social das instituições e entidades representativas das categorias profissionais que o compõem.

O campo tanto produz modificações no contexto onde se insere, como é produto deste. É neste processo contínuo e dinâmico que se vai distinguir o campo e defini-lo de modo exclusivo. Segundo BOURDIEU, tal processo varia, de acordo com as épocas de uma mesma sociedade e, ainda, de acordo com as sociedades (1990: 175). O próprio aparecimento dos agentes legitimados, suas entidades representativas, dependem de tais variações, que também podem contribuir para a manutenção ou desaparecimento de determinada categoria profissional, conforme as modificações de valores e das necessidades de tais sociedades.

O espaço social pode desdobrar-se em inúmeros campos. Em cada um deles, a definição do quantum de valor levará a uma "luta" entre os agentes que passam a disputar o poder que tal campo apresenta. Tais "lutas" se dão num sistema de posições e de relações

objetivas, que caracterizam o tipo de poder, simbólico que será o fator de "luta" entre os agentes. Cabe aqui ressaltar que as noções de "força" e de "poder" para BOURDIEU, são conceitos mais vinculados às condições de luta sutil e estratégica entre os agentes, uma vez que estes se movem, partilham e dependem da colaboração mútua para o desenvolvimento do campo de atividades em comum.

Uma vez que as atividades sociais significativas e reiteradas estruturam-se em campos, pode existir um campo de atividades científicas, um campo de atividades culturais, um campo de atividades educacionais, um campo de atividades artísticas e assim por diante, aos quais diferentes agentes concorrem com seu capital simbólico e tomam posições no campo. Tais posições são relativas, uma vez que a própria dinâmica de "luta", entre os agentes, gera uma troca de tais posições, de acordo com o capital simbólico posto em jogo.

Os campos, contudo, não são estanques. Os agentes têm certa mobilidade de transitar entre os vários campos do espaço social. Porém, as características peculiares a cada campo e o nível de reconhecimento de sua autonomia determinam o tipo de jogo e as condições de "luta" que serão apresentadas aos agentes, bem como as regras às quais estes serão submetidos. Desta forma os tipos de capitais que compõem o capital simbólico são valorizados de maneira particular, tanto pelo nível de autonomia do campo, como pelo que a dinâmica deste campo determina como o capital de maior poder.

O capital simbólico como aquele que é posto em jogo nas "lutas" e condicionante da posição do agente no campo, é a soma de diferentes tipos de capitais. Os possíveis grandes grupos de capitais poderiam ser divididos, conforme o conjunto de suas características distintivas em:

a) **Capital cultural**, que pode ser considerado como a educação recebida pelo agente. Incluindo-se a formação de segundo grau, outros cursos além da graduação e, principalmente, o tipo de experiência e perfil obtido durante a formação acadêmica;

b) **Capital profissional**, traduzido pelo cargo/função desempenhada no local de trabalho, nível de hierarquia em que se encontra, pessoas sob sua responsabilidade, entre outras variáveis;

c) **Capital político**, que reflete o prestígio do agente dentro da área e da comunidade em geral, em relação às suas atividades associativas, sindicais, entre outros indicadores;

d) **Capital sócio-econômico**, como o conjunto das variáveis sócio-econômicas que representam tanto o capital inicial que o agente traz de sua origem, como o pagamento por sua força de trabalho, isto é, o seu salário.

Para BOURDIEU, o capital econômico por excelência é o único que têm seu valor reconhecido em qualquer um dos campos, mantendo seu poder apesar da transição do agente de um campo para outro. O capital econômico, na atividade profissional representado pelo salário, é também decisivo nas estratégias de luta pelo poder simbólico e pela posição relativa que o agente ocupa no campo.

Como os demais campos, o Campo de Atividades de Informação surgiu das transformações sociais que reificaram a informação enquanto insumo e entidade passível de processos valorativos os mais variados. Sua autonomia tem sido crescente, alterando-se as condições de "luta" bem como as estruturas de posições de seus agentes. É por meio de seu trabalho, da visão que tem de si mesmos de sua identidade social e de categoria, que o agente reconhece o mundo social tal como ele é, e que lhe dá o sentido da posição, como "um sentido das distâncias a marcar, e a sustentar, a respeitar e a fazer respeitar" (BOURDIEU, 1989: 14). Para ele, o nome da profissão e o título desta, dado ao agente e aos grupos, é que lhe determinam as posições relativas nos campos. É desta forma que os agentes se constituem em grupos organizados a fim de assegurarem a defesa dos interesses de seus membros (1989: 149).

Em estudos próximos de alguns conceitos de BOURDIEU, M.L. BLAKE apresenta uma derivação da teoria Darwinista de evolução das espécies. Para ele, as sociedades evoluem não só pela ocupação de "nichos" espaciais, mas também pela ocupação de "nichos" temporais. ALLEY, citado por BLAKE, diz que "nicho" ou "profissão" pode ser tido como um sistema dinâmico, onde espécimes (unidades orgânicas, espécies ou grupos de indivíduos) competem pelo mesmo espaço (BLAKE, 1985: 126). Para o autor, os profissionais da

informação podem, potencialmente, competir pelo espaço físico de trabalho, mas também pelo domínio do tempo em que a informação surge, é coletada, analisada e disseminada, sendo esta mais uma condição de controle social.

O fato dos nichos/profissões de informação serem afetados pela questão espaço/tempo, determina novas visões no campo, em que o capital de cada agente vai ser colocado em jogo pela competição, manutenção e expansão de suas posições. Para que haja o jogo, e a "luta" entre os agentes se faça de forma ética, estes têm na "doxa" a garantia da validade de seus capitais e das suas estratégias. A "doxa" pode ser entendida como os pressupostos que os "antagonistas" admitem como evidentes, aquém de qualquer discussão, porque constituem a condição tácita da discussão (ORTIZ, 1983: 146). BOURDIEU destaca a função da 'doxa', quando diz que "o fato de pertencer a um grupo profissional exerce um efeito de censura que vai muito além das coações institucionais e pessoais: há questões que não são colocadas, que não podem ser colocadas, porque tocam nas crenças fundamentais que estão na base da ciência e do funcionamento do campo" (1990: 20-21). A "doxa" esconde uma censura sutil mas radical em relação ao que se vai por em jogo na discussão. A crença e aceitação da "doxa" pelo indivíduo é, em grande parte, responsável pela existência e integridade de qualquer Campo.

A habilitação do agente para "jogar o jogo" do Campo de Atividades de Informação, determinando suas ações e atividades, bem como sua localização na hierarquia de posições estruturadas entre os agentes, é produto de um conjunto de variáveis. Tais variáveis, que vão compor seu capital simbólico, são formadas pelas ações pedagógicas, primeiramente a nível familiar, como as "trajetórias de carreira" (em grande parte já definidas pela posição dos pais). Mais explicitamente, são formadas pelo capital obtido na incorporação juridicamente garantida pela ação pedagógica da Universidade, enquanto instituição legitimadora não só das competências básicas para a ação profissional dos diferentes tipos de agentes, como produtora da oferta destes no mercado de trabalho.

As posições possíveis de serem ocupadas no Campo de Atividades de Informação são alvo de interesse de diferentes categorias de agentes legitimados. Neste sentido, a Universidade apresenta os

monopólios de competência, fragmentados nos diferentes cursos oferecidos e respectivas disciplinas que compõem o currículo, delineando o perfil acadêmico desejado para o desempenho tido como satisfatório pelas exigências sociais.

Ao mesmo tempo em que se pode falar de uma fragmentação em nível acadêmico, poder-se-ia dizer que tais competências desenvolvidas são intercomplementares. Isto pode significar que, caso estes perfis fossem reunidos e analisados em conjunto, identificar-se-ia, nas diferentes facetas das ações dos agentes envolvidos, um diagnóstico do próprio Campo de Atividades de Informação, em que se poderiam trabalhar as relações entre a oferta institucionalizada e demanda social por tais agentes.

Na medida em que as demandas se modificam, tais instituições procuram acompanhar estas evoluções, quer atualizando os currículos dos cursos envolvidos, quer estabelecendo estratégias de educação continuada (como cursos de extensão, especialização, mestrado e doutorado), ou ainda criando novos cursos de graduação.

A posse de tais competências legitimadas mais o conjunto dos demais capitais, que acumula em sua trajetória de vida, constituem o capital global do agente, e o que lhe permite disputar, manter e até ampliar seu poder no Campo de Atividades de Informação.

É de se esperar que os diferentes tipos de agentes informacionais legitimados partilhem concepções de "doxa" e utilizem estratégias geradas por seus "habitus" primário (aquele transmitido pela educação familiar ou de classe) e secundário (incorporado pela educação escolar, indústria cultural e meios de comunicação de massa, entre outros). Contudo, é importante destacar que as condições determinantes das posições relativas dos agentes não se relacionam apenas com a ação pedagógica em nível de disciplinas dos currículos plenos. São igualmente coadjuvantes neste processo a soma dos demais capitais (sócio-econômico, profissional e político) que são afetados, tanto quanto o capital cultural específico, pelas modificações espaço-temporais das sociedades em que estes profissionais exercem suas ações, e que são em parte representadas pelas fragmentações dos currículos acadêmicos.

A POSIÇÃO RELATIVA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO - ESTUDO DE CASO

A universidade, ao mesmo tempo em que fragmenta as competências profissionais em função da constituição diferenciada dos currículos plenos para cada área de informação, sobredetermina a oferta de profissionais no mercado de trabalho. Estes são formados segundo um perfil legitimado e vão, na seqüência de suas carreiras, ocupar e disputar posições no campo. Todavia, ao colocar-se no jogo dinâmico das lutas pelo poder simbólico, o profissional traz, não somente o capital exclusivo da formação acadêmica legitimada em nível de terceiro grau, mas também o conjunto de suas relações familiares, econômicas, políticas e mesmo aquelas desenvolvidas no decorrer de suas atividades no CAI (para além da formação da graduação). Por outro lado, estes profissionais tendem a ter uma visão de si mesmos e das posições que ocupam, em função da série de ações pedagógicas e da dinâmica dos capitais simbólicos adquiridos, acumulados, interpretados, modificados e até certo ponto cristalizados, por força das lutas levadas a efeito nos diferentes espaços sociais, e que juntos, vão lhes determinar sua posição e suas condições de jogo.

A análise de tais conjuntos de capitais pode levar num primeiro momento, à descrição da posição relativa de indivíduos e grupos de uma mesma profissão e, num segundo momento, revelar suas relações com outras profissões também aptas a jogarem o jogo do Campo. A identificação de perfis e competências, teoricamente legitimadas, e o estabelecimento de um quadro analítico de tais posições podem delinear a constituição do próprio CAI, que inexistem sem a atuação de seus agentes legitimados.

O estudo de caso, realizado por meio de questionário enviado a egressos dos Cursos de Biblioteconomia, Jornalismo e Informática da UFPR, permitiu a descrição e a análise dos diferentes capitais (cultural, profissional, político e sócio-econômico) que, em conjunto, constituem o capital simbólico destes indivíduos/profissionais.²

(2) Universo para a aplicação do instrumento de coleta de dados: 240 profissionais. Universo real de respostas obtidas: a) Biblioteconomia: enviados 117 questionários, com um retorno de 61 (52%); b) Jornalismo, enviados 41 questionários, com um retorno de quinze (37%); c) Informática, enviados 82 questionários, com um retorno de 30 (37%). A participação foi voluntária.

O CAPITAL CULTURAL

A Biblioteconomia confirmou-se como uma profissão predominantemente feminina, o que implica em carregar para a ação profissional os preconceitos da mulher enquanto indivíduo social ativo e as condições que acompanham a sua opção como trabalhadora (a dupla jornada de trabalho, baixos salários em relação ao mesmo profissional do sexo masculino e assim por diante). Os jornalistas parecem ter um equilíbrio nesta composição, contudo têm também o seu estigma social, no qual sua imagem está ligada ao trinômio boêmio-literato-filósofo (no sentido pejorativo). Na área de Informática o sexo masculino predomina o que, segundo Theodore Roszak, tem a ver com a característica "yang" (masculina), da máquina (computador) e do tipo de trabalho nela realizado, em contrapartida aos ambientes silenciosos e "ying" (feminina) das bibliotecas tradicionais, ou ainda à propalada "desorganização" das redações de jornais, canais de televisão ou rádio.

Como área emergente e altamente prestigiada, a Informática atrai candidatos à formação profissional, comparativamente mais jovens do que a Biblioteconomia e o Jornalismo. A atração exercida por uma profissão de natureza contestadora e de grande visibilidade social, (no caso da reportagem televisiva, radiodifusão e cinema) faz do Jornalismo uma área de atuação cobiçada, havendo certa equivalência entre os candidatos mais jovens e outros não tão jovens.

Os mitos que envolvem a Biblioteconomia, aliados ao fato dela não estar ligada a instituição, ambiente ou instrumento de caráter vanguardista ou desafiante, foram refletidos na média de idade alta de seus graduados. Neste caso, a procura por um curso da área humanística, com pequena concorrência de candidatos no concurso vestibular, parece se encaixar na preferência de candidatos(as) que, entre outros motivos, já tem uma relação familiar estabelecida e que sentem necessidade de "voltar a estudar". Percebeu-se que muitas das candidatas à área de Biblioteconomia cursaram magistério, enquanto que os candidatos às duas demais áreas, em geral, ou fizeram cursos propedêuticos e preparatórios para o vestibular, ou

cursos profissionalizantes de natureza técnica. A proveniência de uma área humana pode indicar a opção por um Curso nesta mesma área. O mesmo podendo ser caracterizado para a proveniência de uma área técnica/tecnológica. Embora não se tenham dados consistentes para uma generalização, os indicadores ocupação da mãe e trabalho do pai/esposo (quando tratando-se do pai) ilustrou levemente a inclinação dos filhos (e filhas) a seguirem a mesma carreira dos pais. No caso dos bibliotecários, a formação de segundo grau recaindo na opção magistério, deveu-se, quando indicado, ao fato da mãe ser professora, ou mesmo bibliotecária. Em outros casos, para as demais profissões, mesmo quando a opção de terceiro grau muda totalmente da área escolhida para o curso secundário, esta última está intimamente relacionada à atividade de trabalho dos genitores.

É provável que uma parcela da "apatia" atribuída à área de Biblioteconomia esteja ligada ao fato de muitos graduados não terem a área como primeira opção no concurso vestibular. Esta situação pode ter algumas implicações: 1) o candidato ingressa no curso em segunda ou terceira opção e utiliza-o como "trampolim" para o curso desejado; 2) desiste do curso; 3) faz sucessivos trancamentos até seu jubramento; 4) tem uma carreira acadêmica marcada por reprovações, terminando o curso, muitas vezes, no prazo máximo; 5) não avança nas disciplinas, reprovando até o jubramento; 6) acomoda-se, mesmo sem nutrir interesse especial pela profissão, apenas para garantir o tão desejado diploma universitário. De todas estas possibilidades, a quarta e a última das relacionadas acima são as mais perniciosas, enquanto formação de recursos humanos para a área (sem contar os gastos para o poder público na manutenção de alunos de carreira acadêmica irregular). Estes profissionais tendem a eximir-se das lutas e jogos que definem as posições individuais no Campo, bem como prejudicam a transparência social da profissão e a sua força grupal a fim de defender, expandir ou mesmo manter as possibilidades de ação da área frente as demais de mesma natureza. As reopções e reaproveitamentos de curso podem ser, de certa maneira, positivos para a área, quando não é causado apenas pela necessidade financeira, isto é, deixar um curso de uma universidade paga ingressando na universidade pública/gratuita naqueles cursos que oferecem mais

vagas nesta modalidade (como é o caso da Biblioteconomia). A maioria absoluta de primeira opção identificada para as duas outras áreas pode, segundo o raciocínio acima, contribuir para uma maior força destas na luta pelo poder simbólico em disputa do CAI.

A educação continuada parece ser uma preocupação constante para o bibliotecário. O perfil técnico/generalista da graduação, aliado às opiniões dos entrevistados sobre esta necessidade para o crescimento profissional, levam-no à constante atualização. Embora os universos profissionais estudados tenham tido dimensões diferentes, especulou-se que o oferecimento de cursos na própria área da graduação, tanto para a Biblioteconomia como para a Informática, é comparativamente maior do que para o Jornalismo. Para este último a oferta e/ou a preferência recai sobre os cursos instrumentais (como ferramentas à oratória ou interpretação de textos, por exemplo), ou ainda em áreas distintas da graduação mas que, pela natureza inquisitiva da profissão, passam a ser de interesse. Os cursos instrumentais são igualmente importantes para a Biblioteconomia e, em menor escala, para a Informática. A preocupação com o impacto das novas tecnologias nos sistemas de informação leva o bibliotecário a buscar aperfeiçoamento nesta área, o que parece não preocupar os jornalistas.

Em relação aos cursos atuais (à época da coleta de dados), os informáticos pareceram optar por mais uma graduação na área de Administração de Empresas (confirmando a tendência para o trabalho autônomo) ou aos cursos instrumentais para o domínio da língua inglesa. Os bibliotecários também optaram pelo aprendizado de língua estrangeira, principalmente o francês. Este pode ser considerado um estudo com poucas aplicações na atuação profissional, uma vez que as informações para a atualização sobre o estado da arte no exterior encontram-se, em geral, em inglês ou espanhol. Os jornalistas, no entanto, tornam a privilegiar os cursos na própria área ou em áreas instrumentais.

Considerada como uma das condições para a obtenção de prestígio na área, tanto para bibliotecários como para informáticos, os estudos de pós-graduação são privilegiados pelos primeiros. Estes parecem investir em cursos da própria área da graduação, e na sua maioria são cursos de especialização. A outra área apontada é a de

recursos humanos. Pode-se especular que a tendência destes profissionais é direcionarem-se para cursos na área de informática. Os informáticos, por sua vez, preferem investir tanto em sua própria área como na de administração e gerência de sistemas de informação. É neste particular que os jornalistas apontaram algum interesse sobre as aplicações da nova tecnologia na área, bem como continuam a buscar aperfeiçoamento na área de graduação.

Considerada pelos jornalistas como uma conseqüência direta de seu trabalho, e pelos bibliotecários como uma das possíveis condições de obtenção de prestígio, a produção intelectual é heterogênea para estes últimos. Predominam as comunicações em anais, seguido da publicação de artigos nas revistas especializadas da área, e em menor número os livros de assuntos correlatos. Os artigos de jornais raramente são feitos pelos entrevistados da área de Biblioteconomia e de Informática, que poderiam utilizá-los como um instrumento de visibilidade social, veiculando avanços na área e seus impactos na sociedade como um todo. Neste sentido embora, quantitativamente, o jornalista seja pródigo em artigos, parece não escrever sobre sua própria área de atuação (publicando artigos em anais de eventos, por exemplo). A tendência a privilegiar a publicação em círculos restritos (revistas e anais da própria área) tem como conseqüência, a médio prazo, a estagnação de conteúdos e idéias.

As três profissões parecem ter pessoas investindo em outros tipos de literatura (romances, poesias), o que pode ser reflexo das demais ações pedagógicas, ou mesmo de dons pessoais.

Para os entrevistados na área de Biblioteconomia, os fatores internos/pessoais foram os mais apontados como razões que levam ao receio na tomada de atitudes inovadoras. Para estes, o comodismo, a insegurança e a inibição são as condições internas mais apontadas. Quanto às externas, a mais citada foi a rigidez da formação acadêmica. Segundo os entrevistados, o profissional da área carece de uma série de posturas, classificadas como falta de reconhecimento, apoio, vontade, oportunidade. O medo de perder o emprego foi pouco citado, o que pode ser creditado a dois possíveis fatores: 1) o fato da maioria destes profissionais atuarem em cargos públicos, que habitualmente são revestidos de certa estabilidade, e/ou, 2) consideram que sua atividade não chega a ser "estratégica" o

suficiente para que a tomada de atitudes inovadoras possa alterar o andamento da instituição a ponto de colocar o emprego em risco. A possível pressão dos pares também é apontada, bem como o medo do fracasso e do ridículo. As opiniões também relacionaram-se à condição tipicamente feminina da profissão, o conservadorismo da classe e sua desunião.

Os informáticos, por sua vez, entendem que as condições externas são, em grande parte, responsáveis por um possível receio. Apontaram para a falta de investimento da empresa, o meio ambiente desfavorável para mudanças, a complexidade dos assuntos envolvidos e o alto custo do erro. Foram também citados a rigidez da formação acadêmica, o medo de perder a posição adquirida e o comodismo (em menor escala). É importante destacar que alguns entrevistados além de não considerarem o profissional, em geral, receioso da tomada de atitudes inovadoras, escreveram comentários relativos ao fato da profissão em si levá-los a tomarem tais atitudes.

Os Jornalistas, no entanto, ao invés da falta (como posturas a serem desenvolvidas pelo bibliotecário), apontaram o fator medo (de perder o emprego, de revelar-se, da concorrência). Criticam a postura conservadora da profissão bem como a existência de "panelas" que obstaculizam a tomada de novas atitudes. A questão do salário é mais uma vez citada, como um problema crônico que pode afetar a criatividade, bem como os fatores contextuais, como a liberdade de imprensa e a rigidez, tanto do sistema dos meios de comunicação de massa, mas também da sociedade como um todo.

Em geral, os profissionais entrevistados consideram-se acima da média em relação a sua situação cultural, à exceção da Biblioteconomia (normalmente apontada como uma área cultural). Comparativamente, os Jornalistas têm elevada alta estima neste aspecto, o que pode ser devido à sua formação acadêmica, voltada para compreensão e interpretação de contextos. Já para a Biblioteconomia, o privilégio dado às técnicas torna este profissional mais um manipulador, ou mesmo operador, ou ainda o "filtro" entre informações e usuários do que propriamente um produtor de informações, como é o caso do jornalista. O mesmo pode ser dito do Informático que, todavia, considera as suas aptidões culturais acima da média.

O CAPITAL PROFISSIONAL

A maioria dos bibliotecários exerce suas funções em instituições públicas, o que já é o inverso para as demais áreas. Aprofundando-se esta análise, os informáticos estão concentrados no trabalho em bancos e no setor de comércio/serviços. O jornalista e o bibliotecário atuam maciçamente nas instituições que lhes são tradicionalmente próprias: meios de comunicação de massa, e bibliotecas de instituições públicas (instituições de ensino superior, secretarias de Estado, empresas de economia mistas, entre outras), respectivamente. Curiosamente, à exceção dos meios de comunicação de massa, os bibliotecários estão presentes nos demais setores. Esta não ocorrência pode ser um alerta para a revisão do tipo de formação acadêmica destes profissionais, uma vez que a informação tem ultrapassado, há muito, os limites "geográficos" da biblioteca ou sistema de informação tradicional. Os informáticos, por sua vez, comprovam a rápida expansão de seu campo de atuação, tendo representantes em todos os setores considerados. De todos os profissionais envolvidos, são os jornalistas que apresentam um espectro de atuação menos variado, ao mesmo tempo que têm maior mobilidade para o trabalho autônomo (não institucionalizado).

Enquanto para os jornalistas e informáticos as condições externas e ambientais prevalecem como determinantes na tomada de atitudes inovadoras, a obtenção de prestígio na área é condicionada, na opinião dos entrevistados, às posturas e atitudes individuais. Os bibliotecários entrevistados apontam as características individuais (ou grupais, no sentido de categoria), como fatores que influenciam tanto na tomada de atitudes inovadoras, como para a obtenção de prestígio na área. A condição mais citada para jornalistas e informáticos foi competência, enquanto que os bibliotecários consideram como fatores críticos a atuação na classe e a divulgação de seu trabalho. Para estes, a condição de competência profissional aparece em segundo lugar. Jornalistas e bibliotecários também consideraram importante a questão da ética e a da criatividade. Os informáticos apontaram o conhecimento técnico como uma variável importante. Menos citada, a educação continuada, na forma de cursos após a formatura e pós-graduação, foram também indicadas como pertinentes. Bibliotecários e informáticos, consideram o bom

relacionamento com o usuário outro fator de importância. Isto pode ser resultado do tipo de trabalho exercido, em que estes dois profissionais têm contato direto com os seus clientes, sendo que o jornalista, à exceção do repórter de rua, produz a informação para inúmeros leitores, telespectadores, ouvintes, etc. Os jornalistas entrevistados, em geral, consideram o prestígio relacionado a posturas individuais de comportamento. Os informáticos percebem o fato como um conjunto de habilidades técnicas e profissionais, enquanto os bibliotecários interpretam o prestígio ligado às relações entre os próprios profissionais (na atuação e valorização das entidades de classe) ou como uma posição adquirida pela produção literária ou títulos acadêmicos. Alguns ainda relacionaram o nível de prestígio ao salário recebido.

Os jornalistas novamente relacionaram os baixos salários recebidos com sua auto-imagem profissional, assim como alguns bibliotecários (em menor escala). Nenhum dos jornalistas entrevistados situou-se na categoria ótima, como o fizeram alguns bibliotecários e informáticos (estes, em sua maioria, colocaram-se na categoria boa). O tempo de exercício profissional parece ter certa influência nos rendimentos profissionais de bibliotecários e jornalistas, o que já não é tão facilmente identificado para os informáticos.

O CAPITAL POLÍTICO

Os bibliotecários, por trabalharem em sistemas de informação (considerados aqui como bibliotecas, centros de documentação, e demais do gênero) contam normalmente com auxiliares para os serviços rotineiros, e no caso de chefes e diretores de bibliotecas têm, sob sua responsabilidade, outros bibliotecários. As duas demais áreas parecem não ter esta característica, embora alguns entrevistados tenham declarado ter pessoas sob comando. Para estes, o tipo de atividade e hierarquia exercida tendem a determinar a existência e o número de subalternos.

Os bibliotecários, quando relacionam as características necessárias para a tomada de atitudes inovadoras e à obtenção de prestígio na área, insistem na necessidade de participação em

entidades de classe. Esta participação obrigatória é evidente, uma vez que é necessário o registro profissional para a atuação legal na área. As demais entidades da categoria existem mas tem seus membros ligados a ela voluntariamente, como é o caso do Jornalismo e da Informática. Para estas entidades, sindicatos principalmente, que tratam de assuntos relacionados a salário e condições de trabalho, tal participação decresce sensivelmente, a ponto da maioria dos entrevistados da área de informática declarar não ser membro de qualquer entidade associativa. Apesar de, atualmente, o mercado de trabalho para os informáticos ser auto-regulador, este já apresenta alguns sinais de estrangulamento, o que poderá acarretar um direcionamento a entidades associativas (quer por categoria profissional, quer por segmento econômico).

A existência de entidades representativas da categoria dos profissionais em Biblioteconomia acarreta a necessidade de participação para a própria sobrevivência destas. A participação é decrescente para as outras duas áreas, coerentemente à existência de apenas uma entidade (no caso do Jornalismo) ou de entidade não específica de profissionais em nível de terceiro grau (no caso da Informática). Alguns profissionais bibliotecários e jornalistas declararam ter funções em outras entidades que não as específicas da área, o que reforça a indicação de que estes profissionais (e mesmo os informáticos) agregam-se por setor econômico e não necessariamente por categoria profissional.

O CAPITAL SÓCIO ECONÔMICO

Os rendimentos (à época do estudo) para estes profissionais situavam-se na faixa de cinco a quinze salários mínimos, com alguns expoentes nas áreas de Biblioteconomia e Informática. Levando-se em consideração que praticamente a metade dos informáticos entrevistados ainda não havia terminado a graduação na época da coleta de dados, percebe-se que esta passa a ser a categoria melhor remunerada. Os bibliotecários que recebem salários mais elevados já têm uma carreira definida e mais longa se comparada às demais áreas. Os jornalistas são, comparativamente, o segmento com menor remuneração.

A auto-imagem social dos entrevistados reflete as opiniões colocadas em relação aos ganhos salariais, condições de trabalho e auto-imagem profissional. Jornalistas e bibliotecários indicaram-se na categoria social média baixa, como uma maneira de expressar um comprometimento sério nas relações de reconhecimento e prestígio social, identificada precisamente pelos baixos salários conseguidos por estas categorias em geral. Contudo, alguns informáticos e bibliotecários também indicaram a categoria média-alta, o que pode ser creditado ao salário expoente (em alguns casos) ou ainda à situação familiar (em outros casos).

A análise da composição do Capital Cultural dos profissionais entrevistados aponta um maior peso para a área de Biblioteconomia (mesmo que os entrevistados tenham se colocado com uma auto-imagem "modesta", neste particular, em relação às demais), seguindo-se o Jornalismo e a Informática em ordem decrescente. As diferenças de universo para cada área podem ter contribuído para esta distribuição, adicionando o fato de que praticamente a metade do universo da área de Informática compôs-se de formandos.

Para o conjunto das variáveis relativas ao Capital Profissional, justificadas as razões acima, coloca o profissional bibliotecário como o detentor do maior peso também neste tipo de capital, o mesmo acontecendo para o Capital Político. Contudo, quando analisado o Capital Econômico, o único tipo de capital que tem o seu valor reconhecido em qualquer um dos campos em que o agente se apresenta, é o informático que tem, neste tipo de capital, o seu maior peso (ainda consideradas suas peculiaridades). Quando analisado o Capital Global, os bibliotecários são os profissionais que tem o maior peso total comparativo. Contudo, uma vez que o salário, enquanto capital econômico construído em função da carreira escolhida, é decisivo nas estratégias de luta pelo poder simbólico, de certa forma referendando as posições relativas destes agentes, são os informáticos os que se apresentam como a área detentora do poder simbólico no CAI.

CONSIDERAÇÕES PARA DISCUSSÃO

Enquanto indivíduos e grupos, os profissionais apresentam-se para a luta pelas posições no Campo unidos da composição

de seus capitais que, em conjunto, compõem o seu capital simbólico. Estes conjuntos de capitais são constituídos durante toda a vida do agente, podendo ser reunidos em grandes grupos. Destes, a formação acadêmica aparece como um dos possíveis fatores que podem afetar o tipo e qualidade do capital posto em jogo pelo agente, e, em consequência, influenciar tanto sua posição relativa no campo, como a posição da própria profissão nos recortes que o Campo apresenta.

A tipologia de capitais, apresentada neste trabalho, visou reunir um número de informações que refletisse o total de capital simbólico de cada profissional (em termos objetivos e subjetivos), bem como a sua composição. Assim, por extensão, para cada área selecionada, o conjunto de capitais simbólicos de seus agentes representa igualmente o capital simbólico da profissão e, mais especificamente, com qual tipo de capital que estes grupos de agentes concorrem com mais força nas lutas pelo poder no campo. Embora a Biblioteconomia apresente um capital global maior em relação às demais áreas, a posição relativa de seus agentes não se configura tão flexível quanto a dos Informáticos, cujas possibilidades de atuação atingem um amplo espectro, quando comparadas às demais áreas.

O Jornalismo, comparativamente às outras duas áreas estudadas, é a que apresenta o menor capital global (praticamente em função dos baixos salários), embora a análise dos capitais isolados a posicionem logo após a Biblioteconomia. Contudo, segundo os estudos sobre a estrutura e a tipologia dos profissionais que trabalham com informação, estas três habilitações são consideradas como "semi-profissões", quando comparadas em termos de prestígio, salário e condições de trabalho, a outras profissões, tais como: Contabilidade, Arquitetura, Direito, Física, entre outras (KLING, 1990: 91).

A auto-estima, ligada aos conceitos de atuação na área, como "doxas" tanto na tomada de atitudes inovadoras, como para a obtenção de prestígio na área, parecem ser fatores condicionantes da posição relativa do agente (e da própria profissão) no CAI. Neste particular, os profissionais de Biblioteconomia, por suas declarações, parecem não acreditar em sua própria competência profissional,

assim como em sua capacidade cultural, o que traz reflexos pouco positivos nos processos de "luta" e "jogo" do CAI.

A estruturação progressiva da rede de telecomunicações no país, juntamente com a proliferação e barateamento de equipamentos e custos de acesso às informações nas mais diversas áreas, já são inevitáveis, ao mesmo tempo que a questão se volta para a formação do recursos humanos. Na medida em que o CAI se constitui, novas e variadas oportunidades se apresentam ao profissionais de informação. Além das características inerentes ao indivíduos, qual seria, então, o papel da instituição legitimadora nos processos de antecipação da demanda e percepção da dinâmica do mercado de trabalho.

Uma possível "resposta" poderia estar na modificação da própria filosofia dos cursos de graduação, em busca da interdisciplinaridade já em nível acadêmico, que permitisse o incremento das relações entre tais profissões, ampliando as possibilidades de atuação dos profissionais, de modo que as fragmentações não isolem, ou de certa forma, cristalizem o CAI, mas sim que se adie o máximo possível encontro com os limites impostos pela dinâmica social.

Os fatores e capitais, aqui analisados, demonstram o que os agentes trazem e desenvolvem antes e depois da formação acadêmica. Num primeiro momento, estes fatores resultam na opção por uma ou outra profissão de informação. Seria igualmente importante a ampliação do foco de análise para além do descrição da oferta e posicionamento relativo de tais profissionais. Neste sentido, a análise da demanda do mercado de trabalho explicitaria outras condições, intenções e perspectivas do Campo de Atividades de Informação, não menos decisivas nos processos de luta pelo poder simbólico, e que resultam na posse relativa de melhores ou piores posições no curso das carreiras profissionais (enquanto indivíduos) e na visibilidade e viabilidade da própria profissão que representam.

ABSTRACT

Master Dissertation abridgement which presents some concepts of BOURDIEU's Etnomethodolgy Theory, about the constitution and the

dynamics characterization of the Information Activity Field (taking over its existence). In this Field, the information professionals are looking for relative positions. They "fight" to get the power quantum that could be reached by them, not only for the individuals, but for the professions as a whole. It presents parcial results: description and sociological analisys of three information professions (Librarianship, Journalism and Informatic).

Keywords: Information professional; Information Activity Field; Ethnomethodology; Theory - Concepts; Pierre Bourdieu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAKE, M. L. Human evolution in space and time, with reference to the niches of librarianship and information processing. **Journal of Information Science: Principles & Practice**, Amsterdam, v. 11, n. 3, p. 125-129, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. 361 p.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. 311 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208 p.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução : elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 238 p.
- KLING, Rob. More information, better jobs?: occupational stratification and labor-market segmentation in United State information force. **The Information Society**, v. 7, n. 2, p. 77-107, June 1990.
- ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. 191 p.